



**FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
NÚCLEO EDUCASAÚDE  
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM SAÚDE MENTAL COLETIVA**

**AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO**

**Bibiana Ozorio Biscarra**

Orientadora Sandra Torossian

Porto Alegre, 13 de janeiro de 2012

“Educação, para mim é botar dentro do indivíduo, além do esqueleto de ossos que já possui, uma estrutura de sentimentos, um sentimento emocional. O entendimento na base do amor.” Cecília Meireles.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	4
<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	5
<b>2 O QUE É AFETIVIDADE</b> .....	7
<b>3 A AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO</b> .....	10
3.1 RELATO DE EXPERIÊNCIA .....	13
<b>4 DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL DA CRIANÇA</b> .....	15
4.1 RELATO DE EXPERIÊNCIA .....	17
<b>5 APRENDIZAGEM E AFETIVIDADE</b> .....	19
5.1 RELATO DE EXPERIÊNCIA .....	21
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	23
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	24

## RESUMO

Este trabalho é uma reflexão da prática docente articulada com teóricos que estruturam a prática pedagógica desenvolvida dentro da escola. A afetividade é a grande desencadeadora, pois acredita-se que ela tenha e exerça um papel fundamental na construção do ser e na formação das estruturas mentais do indivíduo. Todas as experiências aqui relatadas são frutos de vivências durante um período de trabalho dentro do meio educacional. É importante salientar que a construção deste documento, foi gerada, a partir de uma curiosidade pessoal da autora, em saber, conhecer e relacionar acontecimentos pessoais com leituras que já faziam parte da sua caminhada acadêmica, podendo assim concretizar e sintetizar pensamentos e reflexões sobre sua prática. Ao realizar a leitura deste, é importante projetar-se à realidade e construir caminhos que levem a algum acontecimento, pois assim a assimilação e o poder de reflexão do assunto será muito maior.

## 1 INTRODUÇÃO

Durante a prática docente em diferentes instituições educacionais, trabalhando com crianças de educação infantil, séries iniciais, educação especial e até mesmo crianças enfermas e hospitalizadas, observou-se diversas vezes situações onde o aluno demonstrava dificuldades em realizar as atividades devido a conflitos afetivos.

Percebeu-se que, aquela criança, agitada, agressiva, inquieta, com falta de atenção e geralmente com dificuldade de aprendizagem, traz geralmente em sua bagagem experiências de privação de amor. Existem neste meio, muitos casos de rejeição, abandono e negligência por parte da família.

A Escola, conjuntamente com a família, é responsáveis pelo desenvolvimento afetivo da criança, conseqüentemente, o professor assume papel fundamental na formação sócio-afetiva do indivíduo, pois a criança só consegue desenvolver-se no momento em que sente-se protegida, amada e valorizada.

A relação de afetividade estabelecida entre professor e aluno é de extrema importância para que esse “par educativo” sinta-se bem e possa desenvolver-se, de maneira saudável, nas potencialidades.

Este trabalho tem o objetivo de levar os leitores a uma reflexão crítica e fazer com que repensem a prática, buscando então, novas formas de lidar com essas questões tão debatidas nos dias de hoje, mas ao mesmo tempo, tão deixadas em segundo plano.

Faz-se necessário resignificar o fazer pedagógico. O professor não é mais aquele indivíduo que simplesmente transmite conhecimentos científicos, é, ou deveria ser, o responsável pela formação global do indivíduo.

No primeiro tópico é apresentado um pouco do assunto norteador do trabalho, a afetividade, são dadas algumas definições e começa-se a realizar-se uma reflexão sobre o assunto, logo podemos encontrar o início do debate sobre o que realmente quer se é o assunto principal, começamos então, a relacionar a afetividade com fatores relevantes na vida escolar de uma criança. Primeiramente a relação com o professor e a suma importância que tem de ser afetiva o suficiente para que o desenvolvimento emocional, cujo é o próximo tópico, se dê

de maneira satisfatória e sadia, e por fim chegamos ao assunto que esperamos que seja resultado de tudo que já foi tratado, a aprendizagem do aluno, e como isso se dá no meio de boas relações afetivas. Após todos os tópicos é possível encontrar um relato de experiência da autora, cujo completa e concretiza o que foi dito.

## 2 O QUE É AFETIVIDADE

Todas as relações humanas, desde os mais remotos tempos da história, são permeadas por sentimentos. Esses sentimentos podem adquirir várias formas, podendo ser amor ou ódio, afetividade ou desprezo, atenção ou indiferença. Porém, não existe relação entre seres humanos desprovida de sentimento. Sentimento esse que muitas vezes pode ser fator decisivo em determinadas situações, podem com certeza, nortear a vida de uma pessoa, principalmente quando se trata de uma criança. A maneira como a criança é tratada por adultos irá influenciar muito a sua personalidade e o seu caráter. A criança que vive num lar, com pais que lhe dão amor e compreensão será provavelmente, um adulto amoroso e compreensivo. Já uma criança que não recebe amor, é violentada e agredida, dificilmente fugirá ao mesmo destino, pois só podemos oferecer aquilo que temos.

Durante toda nossa vida, necessitamos ser “cuidados”. Nenhum ser humano deveria ser privado de respeito, reconhecimento, ternura e afeto, pois são nutrientes indispensáveis à vida. Para Wallon (1999 pág. 97), “a afetividade tem papel imprescindível no processo de desenvolvimento da personalidade.”

Afetividade é o termo utilizado para identificar um domínio funcional abrangente e, nesse domínio funcional, aparece diferentes manifestações: desde as primeiras, basicamente orgânicas até as diferenciadas como as emoções, o sentimento e as paixões.

O desenvolvimento do indivíduo depende da ação de dois fatores: o orgânico e o social, tanto que:

“A constituição biológica da criança ao nascer não será a lei única do seu futuro destino. Os seus efeitos podem ser amplamente transformados pelas circunstâncias sociais da sua existência, onde a escolha individual não está ausente” (Wallon, 1959, pág. 288).

No início da vida, a afetividade está intimamente ligada no fator orgânico, mas depois passa a ser fortemente influenciada pela ação do meio social.

A história da humanidade mostra o quanto é importante as relações humanas para o crescimento do indivíduo, sendo o meio social uma circunstância necessária para o seu desenvolvimento.

O período escolar é um momento de intensa atividade intelectual, mas se por um lado adquirir conhecimento e evocá-lo, quando necessário, implica memorização, por outro lado a memória depende também de condições afetivas.

De acordo com o princípio Walloniano, todo sentimento contém o seu contrário, ou seja, é ambivalente. Sendo assim, lidar com crianças de comportamentos inadequados (indisciplina, agitação, desatenção, ...) tem como grande saída o domínio da afetividade, pois elas, são geralmente decorrentes de uma vida afetiva desequilibrada e, portanto necessitam encontrar na escola algo oposto ao que vivem, oferecendo-lhe um ambiente favorável à atitudes louváveis, mostrando que ela é capaz de reverter sentimentos negativos e despertar outros positivos.

Sabemos também que existem outros fatores influenciáveis na afetividade, que independem da vontade da família e do trabalho da escola. A sociedade em geral tem papel importante no equilíbrio afetivo da criança, mas apesar de todos esses aspectos, a escola exerce uma força muito grande na vida de seus alunos.

Muitas vezes, crianças que apresentam distúrbios ou reações inadequadas têm origem na severidade ou rudez do professor. O desenvolvimento da afetividade inicia-se nos primeiros dias de vida através da relação entre o bebê e a mãe, prolongando-se depois na escola no relacionamento entre os colegas e professor, o que será determinante para sua vida adulta.

Muitos autores (Fernandez, 1991; Dantas, 1992; Snyders, 1993; Freire, 1994; Codo e Gazotti, 1999 entre outros) vem defendendo que o afeto é indispensável na atividade de ensinar, entendendo que as relações entre ensino e aprendizagem são movidas pelo desejo e pela paixão e que, portanto, é possível identificar e prever condições afetivas que facilitem a aprendizagem.

## 2.1 RELATO DE EXPERIÊNCIA

No decorrer da trajetória como docente e a princípio mediadora de aprendizados, pude perceber que minha função ia muito além dessa responsabilidade. Tive a oportunidade de contribuir com a socialização, interação e adaptação de muitas crianças e famílias à escola e rotinas que a mesma exige. Certo dia estava em minha sala de aula quando fui chamada por uma mãe de um aluno. Ela veio me solicitar que eu conversasse com ele porque havia três meses que ele não dormia no quarto, só queria dormir na sala da sua casa. O relato da mãe foi de que já tinha feito todo tipo de proposta, desde comprar o brinquedo que passava na televisão até viagens aos lugares mais inusitados. Naquela mesma tarde, num momento bem descontraído, chamei o menino e introduzi o assunto. Conte-lhe uma história sobre uma fada que visita as crianças. Ele ficou encantado com aquilo, e ao ser solicitado por mim a tentar dormir no quarto para me ajudar a descobrir se a história da fada era realmente verdade, ele topou na hora. No dia seguinte, chegou correndo á escola e veio me contar que viu alguma coisa diferente no quarto, mas não conseguiu identificar bem o que era “mas eu acho que era a fada” me disse ele. Daí por diante nunca mais quis dormir fora do quarto.

Passado um tempo, a mãe voltou a me procurar para agradecer, pois segundo ela aqueles meses foram muito difíceis para todos, pois ninguém conseguia dormir bem e aquela situação causava alguns desentendimentos na família, fazendo com que esta criança demonstrasse algumas mudanças de comportamento. Porém uma simples ação de confiança e cumplicidade, baseada numa relação de muita afetividade, fez com que tudo voltasse a normalidade, superando e deixando de lado as promessas, a princípio, tão tentadoras a uma criança.

### 3 A AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO

Evidencia-se presença da afetividade nas relações sociais, além da sua influência contínua nos processos de desenvolvimento cognitivo.

Segundo Mussen, Conger e Kagan (1977 pág. 3) até o século XVII, dava-se pouca importância à infância como fase distinta do ciclo de vida. As crianças não eram consideradas como uma classe especial de seres humanos e nem tratadas de modo particular. Relacionavam-se com adultos, trabalhando e divertindo-se com pessoas maduras. Com o passar do tempo, foi sendo constituída uma nova concepção de infância e houve uma profunda mudança nas atitudes e na moral.

Começa então uma era de literatura nova e especulativa sobre a psicologia e o desenvolvimento da criança. Ao final do século XVII, as crianças começaram a ser consideradas como objeto específico de estudos. Vários autores, biólogos e pedagogos, estudaram, observaram e relataram fatos relevantes do desenvolvimento biológico e emocional da criança e nos legaram grande contribuição para entendermos como se dá o processo ensino-aprendizagem e que relação ele tem com o aspecto afetivo.

A criança de idade entre 0 e 6 anos, tem características específicas em relação à motricidade, linguagem e funcionamento cognitivo.

Quando a criança sai do seu primeiro, e até então, único grupo social, que é a família, passa por um processo de “sofrimento” para adaptar-se a uma nova forma de sociedade.

Ao ingressar na educação infantil, a criança tem que se desprender de seu “mundinho” para viver em grupo, com novas regras e pessoas estranhas ao seu convívio. Entra aqui, a necessidade e importância da sensibilidade do professor que irá receber esta criança. O professor deve ter o cuidado para que seu comportamento ofereça segurança e confiança àquela criança. A ternura conduz aos processos de criação e educação, instrumentaliza o processo de formação pessoal.

“O aspecto emocional do indivíduo não tem menos importância do que os outros aspectos e é objeto de preocupação da educação nas mesmas proporções em que o são a inteligência e a vontade. O amor pode vir a ser um talento tanto quanto a genialidade, quanto a descoberta do cálculo diferencial” (Vygotsky, 2000, pg.146).

Não se pode separar afetividade da cognição, pois o processo emocional tem extrema importância na construção das estruturas mentais, sendo elas afetivas, cognitivas ou motoras.

No conceito Freudiano, existem três divisões para a vida mental das pessoas, o Id, o Ego e o Superego. O "ID", grosso modo, correspondente à sua noção inicial de inconsciente, seria a parte mais primitiva e menos acessível da personalidade. Freud afirmou: O id desconhece o julgamento de valores, o bem e o mal, a moralidade" (Freud, 1933, p. 74). As forças do id buscam a satisfação imediata sem tomar conhecimento das circunstâncias da realidade. Funcionam de acordo com o princípio do prazer, preocupadas em reduzir a tensão mediante a busca do prazer e evitando a dor. O ego representa a razão ou a racionalidade, ao contrário da paixão insistente e irracional do id. Freud chamava o ego de ich, traduzido para o inglês como "I" (Eu" em português). Ele não gostava da palavra ego e raramente a usava. Enquanto o id anseia cegamente e ignora a realidade, o ego tem consciência da realidade, manipula-a e, dessa forma, regula o id. O ego obedece ao princípio da realidade, restando as demandas em busca do prazer até encontrar o objeto apropriado para satisfazer a necessidade e reduzir a tensão.

O ego não existe sem o id; ao contrário, o ego extrai sua força do id. O ego existe para ajudar o id e está constantemente lutando para satisfazer os instintos do id. Freud comparava a interação entre o ego e o id com o cavaleiro montando um cavalo fornece energia para mover o cavaleiro pela trilha, mas a força do animal deve ser conduzida ou refreada com as rédeas, senão acaba derrotando o ego racional. A terceira parte da estrutura da personalidade definida por Freud, o superego, desenvolve-se desde o início da vida, quando a criança assimila as regras de comportamento ensinadas pelos pais ou responsáveis mediante o sistema de recompensas e punições. O comportamento inadequado sujeito à punição torna-se parte da consciência da criança, uma porção do superego. O

comportamento aceitável para os pais ou para o grupo social e que proporcione a recompensa torna-se parte do ego-ideal, a outra porção do superego. O comportamento aceitável para os pais ou para o grupo social e que proporcione a recompensa torna-se parte do ego-ideal, a outra porção do superego. Dessa forma, o comportamento é determinado inicialmente pelas ações dos pais; no entanto, uma vez formado o superego, o comportamento é determinado pelo autocontrole. Nesse ponto, a pessoa administra as próprias recompensas ou punições. O termo cunhado por Freud para o superego foi *über-ich*, que significa literalmente "sobre-eu".

O superego representa a moralidade. Freud descreveu-o como o "defensor da luta em busca da perfeição - o superego é, resumindo, o máximo assimilado psicologicamente pelo indivíduo do que é considerado o lado superior da vida humana" (Freud, 1933, p. 67). Observe-se então, que, obviamente, o superego estará em conflito com o id. Ao contrário do ego, que tenta adiar a satisfação do id para momentos e lugares mais adequados, o superego tenta inibir a completa satisfação do id. Assim Freud imaginava a constante luta dentro da personalidade quando o ego é pressionado pelas forças contrárias insistentes. O ego deve tentar retardar os ímpetos agressivos e sexuais do id, perceber e manipular a realidade para aliviar a tensão resultante, e lidar com a busca do superego pela perfeição. E, quando o ego é pressionado demais, o resultado é a condição definida por Freud como ansiedade.

A criança da educação infantil está construindo seu "Eu", sua subjetividade, sua personalidade. Este processo de diferenciação entre o eu e o outro, acontece através de atividades de comparações e oposições e ao mesmo tempo, de sedução e imitação. Daí a importância do bom relacionamento com todos do grupo e a necessidade da criança sentir-se cuidada e amada.

A interação social está repleta de afetividade, presente também nas salas de aula onde exercem influência na aprendizagem.

A relação ensino-aprendizagem na educação infantil é um fenômeno complexo, onde entram diversos fatores, de ordem social, política e econômica que interferem na sala de aula. Por isso a afetividade do professor é de extrema importância para o estabelecimento de interações sociais capazes de promover o desenvolvimento do seu aluno em todas as áreas dos conhecimentos.

As interações entre professor e aluno estão impregnadas de afetividade, tornando-se uma aliada no processo, pois a criança em idade escolar está em intenso progresso no campo intelectual, e, é a afetividade que possibilita tal avanço, pois são os motivos, necessidades e desejos que dirigem o interesse da criança para o conhecimento e conquista de novas descobertas.

O professor, especialmente de educação infantil, deve estar envolvido em seu trabalho como educador, agindo de forma responsável dentro da sala de aula e outros espaços de aprendizagem, pois suas ações e palavras afetam diretamente o desenvolvimento do aluno.

Como já foi citado, a sociedade nem sempre percebeu a infância da forma atual. A infância tal como a conhecemos, foi conquistada com muito esforço ressaltando os direitos infantis, porém ainda há muito a ser feito a favor delas, pois muitas vezes é necessário protegê-las das próprias famílias. Então o professor necessita de conhecimento da afetividade dentro da sala de aula, para tentar amenizar a falta de afeto que algumas crianças apresentam. Vale ressaltar que afetividade não se limita ao toque físico. O professor que oferece oportunidades ao seu aluno confiando em suas capacidades, demonstrando atenção as suas dificuldades, mostra afetividade em suas relações.

### 3.1 RELATO DE EXPERIÊNCIA

Em diversos momentos dentro da sala de aula, obtive “resultados” que foram frutos da boa e afetiva relação com meus alunos. Todo ser realiza alguma tarefa para alguém ou por alguém, e no caso a criança, quer agradar e satisfazer a quem ela confia e gosta, ao seu “porto seguro”, que na escola no caso é o professor.

O trabalho com educação necessita de muito incentivo, pois a criança está crescendo e descobrindo-se a cada dia, e para que isso ocorra de maneira satisfatória e prazerosa, é necessário um ambiente saudável. O jeito de solicitar algo, a maneira que é conduzida a conversa sobre algo que não foi legal, o modo em que é proposto algumas combinações para que o funcionamento da rotina dê

certo, dependem muito da relação que este mediador possui com o grupo de alunos. Sempre tive o prazer de ser correspondida integralmente no carinho e dedicação com meus alunos, ouvir relatos de que em casa eles falam que podem ou não fazer tal coisa porque a prof<sup>a</sup> disse, ou ouvir um “eu te amo” tão espontâneo como um suspiro, saber que o trabalho, as vezes longo e cansativo, reflete na vida não escolar destas crianças, são alguns dos exemplos de que vale a pena ter como base do trabalho a afetividade. Um exemplo bem simples disso, é quando, por exemplo, peço ao meu aluno que ele coma tudo para me deixar feliz, e mesmo sem muita vontade ele come e ao final, me mostra que não deixou nem um grão no prato.

## 4 DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL DA CRIANÇA

Ainda na vida intra-uterina, a criança necessita receber afeto para sentir-se amada e desejada. O carinho do pai, o afago da mãe, as palavras doces direcionadas ao feto, irão refletir no desenvolvimento emocional desta criança. Da mesma maneira, o contrário também acontece. Uma criança que não foi desejada, que é fruto de uma relação conturbada, que sofre agressão verbal, certamente mais tarde irá apresentar algum tipo de distúrbio comportamental.

Muitas vezes, as causas da doença mental vêm das más relações entre as crianças e seus cuidadores: mãe, pai, irmãos e avós.

“A educação não se mede somente pelo que acontece no dia, no ano, na fase (infância, adolescência), mas em longo prazo, quando o que foi semeado no crescimento começa a dar frutos” (Tiba, 2011 pg. 115).

E esse afeto deve continuar por toda a vida entre pais e filhos, pois é essencial à saúde mental do indivíduo, que ele sinta-se amado e compreendido.

A base do desenvolvimento da personalidade está no estabelecimento de relações entre as pessoas da família. A primeira experiência da criança no lar tem relação direta com a saúde mental e o desenvolvimento de sua personalidade. A privação do amor, principalmente materno, pode provocar danos psíquicos e emocionais na vida de uma pessoa.

“Um estudo feito com 102 adolescentes infratores reincidentes, demonstrou claramente como as angústias provocadas por relações insatisfatórias na primeira infância predisõem as crianças a reagirem, mais tarde, de forma anti-social diante das tensões. A maior parte das situações de angústia precoce entre estes meninos eram aspectos específicos de privação da mãe” (Bowlby, 1995, pg. 14).

Claro que existem outros fatores que influenciam no desenvolvimento e causam retardos, porém o mais freqüente e marcante é a privação dos cuidados maternos. Esses cuidados podem ser dedicados por outra pessoa, uma mãe substituta que possa dar esse amor.

A criança pequena ainda não possui auto-suficiência emocional, necessitando ter apoio de adultos ao qual mantém relação de afetividade e confiança. Nosso amadurecimento emocional se dá em etapas com o decorrer dos anos, aos poucos vamos aprendendo a controlar nossos desejos e anseios, pois reconhecemos que alguns são conflitantes e que devem dar lugar a outros. Também aprendemos que existem outras pessoas e que para viver em harmonia e manter uma relação de amizade, muitas vezes devemos ter consciência e refletir sobre nossos atos e o desejo dos outros, mas o bebê não é capaz de agir dessa forma, ele precisa da mãe para regular suas ações. É através dela que ele irá desenvolver a sua personalidade, porém com o tempo, a mãe vai lhe autorizando a assumir seus próprios papéis e assim seu desenvolvimento mental se dará de forma saudável e o indivíduo se torna apto a estabelecer relações humanas. Então, a mãe é uma “organizadora” da mente da criança. Quando uma criança encontra-se privada dessa “organização” sofre um enfraquecimento ou até mesmo, fracasso no desenvolvimento da personalidade.

A criança abandonada física ou emocionalmente, não recebe estímulo para exercitar suas capacidades. Ela é tolida e não aprende a praticar funções básicas para a vida. O relacionamento entre mãe e filho deve ser contínuo, isto é, tanto a mãe quanto o filho tem que sentir-se amados e cuidados para que esta relação seja duradoura.

Atualmente existem muitos programas que trabalham contra esse fracasso familiar de que estamos falando, oferecendo condições a famílias carentes de manter seus filhos na escola, projetos sociais e acompanhamento de casos. Não é só em famílias carentes que encontramos abandono. Famílias de classe média e até mesmo da classe alta, delegam o cuidado de seus filhos a babás, motoristas, pessoas estranhas sem laços sanguíneos. Essas crianças também são, mesmo tendo tudo de material, tudo que o dinheiro pode comprar, privada do afeto. Não há dinheiro que compre o afeto.

“A ternura é o elemento pedagógico indispensável nos momentos de desenvolvimento por que passamos enquanto vivemos. Sem ele, retardamos, dificultamos, mudamos a trajetória ou mesmo interrompemos o nosso desenvolvimento e o de outrem” (Schettini, 2010, pg. 103).

Cada vez mais, profissionais da saúde e da educação vêm dedicando a esse assunto a atenção que ele merece, pois é assustador o grande número de crianças em idade escolar que apresentam algum problema relacionado à saúde mental, afetando assim a aprendizagem. É urgente que se repense estratégias para diminuir essas estatísticas. Há que se pensar em ações governamentais de ajuda às famílias. O sistema de ensino deve rever sua metodologia e forma de avaliação e juntamente com a saúde criar meios para prevenir, ao invés de medicalizar ou psicologizar.

#### 4.1 RELATO DE EXPERIÊNCIA

No momento em que escolhemos a carreira docente, automaticamente nos tornamos médicos, enfermeiros, psicólogos, mãe, pai, amigo, cozinheiro, cuidador e até mesmo professor.

Temos a oportunidade de conhecer profundamente a vida da criança e também como ela é conduzida pela família. Realizo um trabalho de acompanhamento e aconselhamento a uma família a qual tem uma criança autista. A mãe mostra-se bastante insegura com a situação e demonstra bastante dificuldade em lidar com o filho. Muitas vezes tenta transferir para a escola tarefas totalmente maternas, ou até mesmo culpar a escola por algo que não tenha evoluído muito. Ela não consegue ter o entendimento de que esta criança necessita de todos nós trabalhando juntos. Além de mim, pedagoga, a criança freqüenta mais cinco tipos de atendimento especializado, porém a mãe resiste a uma socialização dos trabalhos entre os profissionais.

Realizo minha tarefa da melhor maneira possível, desenvolvo um trabalho bem específico para esta criança e procuro tentar dividir as tarefas e responsabilidades com a mãe, pois talvez nos outros ambientes que ela freqüenta, seja tratados como pacientes, e para mim ela é minha “parceira”. Costumo sempre reforçar a explicação de que o menino não pode ter muitas referências, que ela precisa colocar-se e assumir o papel principal no desenvolvimento dele, pois só assim ele se sentirá seguro para superar desafios.

Depois de algum tempo, o trabalho já está com resultados bem mais satisfatórios, por exemplo, depois de um ano, após muitas tentativas frustradas, conseguimos realizar a retirada de fraldas, o que serviu muito de incentivo para esta mãe, pois pode ver que a nossa “estratégia” está no caminho certo. E com isso tudo acabou-se criando-se mais uma relação afetiva, agora não era mais professor e aluno, e sim, professor – família e aluno.

## 5 APRENDIZAGEM E AFETIVIDADE

Não resta a menor dúvida de que o processo de aprendizagem está intimamente relacionado ao emocional do aluno. O fazer pedagógico do professor e o amor pela profissão são determinantes nos resultados de seus alunos.

Devemos levar em conta que, para que o processo ensino-aprendizagem aconteça de maneira saudável, são necessários diversos pré-requisitos e entre eles encontramos a relação de afetividade entre professor e alunos.

A grande maioria das crianças com problemas de aprendizagem são crianças desprovidas de amor, isto é, vivem em lares desestruturados, pais drogados e são vítimas de violência física. Estas crianças ao ingressarem na escola vêm com uma carga muito grande de problemas e baixa auto-estima. É necessário encontrar nesse novo ambiente, um lugar diferente daquele em que vive. Sente a necessidade de receber carinho e atenção.

A construção da inteligência é desenvolvida em estruturas específicas para cada estágio, sendo então necessário que cada etapa seja desenvolvida plenamente, caso contrário, acontece uma ruptura nesse processo. Quando a criança apresenta perturbação afetiva por alguma razão, irá inevitavelmente, atrasar a área cognitiva.

O professor deve ser um mestre na observação das atividades de seu aluno, deve estar atento às situações de agressividade, inquietações e outras atitudes inadequadas, pois elas, certamente, são sinalizadoras de que algo não está bem e que o aluno necessita de ajuda. Muitas vezes essas emoções, conturbadas, são confundidas com indisciplina e tratadas como tal, o que provoca um agravamento da situação, pois causa mais insegurança, medo, raiva e tristeza naquele indivíduo que está pedindo socorro.

A escola sendo um local que oferece aos seus alunos oportunidades de evoluir como seres humanos, não podem limitar-se em ser um espaço onde só aconteça a aprendizagem intelectual, mas proporcionar o desenvolvimento amplo, trabalhando também questões como amizade e solidariedade, ressaltando a afetividade e sua importância no mundo competitivo em que vivemos.

Para que se estabeleça uma relação de confiança e amizade, faz-se necessário que o professor desça de seu “pedestal” e se coloque frente ao seu aluno, mostrando-lhe que também tem sentimentos e ansiedades, promovendo assim, um ambiente onde o aluno sinta-se a vontade de expressar-se e com isso estar aberto à novas aprendizagens.

É papel do professor desenvolver essa sensibilidade e entender que cognição não pode separar-se da afeição.

“Educar sem afeto é esculpir uma face sem olhos nem ouvidos, sem paladar e sem as sensibilidades do tato, o que vale dizer: uma educação que propicia a preparação da pessoa para o mundo” (Schettini, 2010 pág. 15).

Analisando a citação acima, podemos concluir que, uma educação sem afetividade torna a aprendizagem sem significação, fato esse que, como uma engrenagem, leva à desmotivação, à inquietude e ao aborrecimento. Tudo isso resulta na indisciplina escolar.

Dados estatísticos, (Morais e Souza pág. 57, 58 e 59) mostram que os encaminhamentos a profissionais da saúde, são em maioria, de crianças em fase escolar e que a queixa maior é a dificuldade na aprendizagem.

Essas dificuldades estão relacionadas a diversos fatores, levando o aluno a repetências múltiplas e acarretando problemas mais sérios.

A criança não aprende, a escola encaminha ao serviço de saúde mental com o objetivo de que seja diagnosticado algum problema e assim exime de sua responsabilidade, não tendo claro que o sistema de ensino pode ser o grande vilão. Atribui-se a criança a deficiência e o fracasso. Por sua vez, o profissional da saúde trata o caso nos moldes clínicos tradicionais, medicaliza ou psicologiza ao invés de questionar a queixa, que muitas vezes está na falha do ensino fragmentado e com metodologias ultrapassadas.

A grande incidência de crianças em idade escolar com algum distúrbio e conseqüentemente tratada como um caso de saúde mental, torna-se preocupante quando começa-se a perceber a situação crítica em que se encontram os serviços entre escola e saúde. Desta forma, é necessário que a instituição educativa repense seu papel social, dando mais atenção as potencialidades dos alunos,

valorizando-os em suas habilidades e se desapegando dos conteúdos e avaliações quantitativas. É preciso que se ensine com alegria e prazer, desenvolvendo um autoconceito positivo e resgatando a auto-estima.

A relação entre saúde e escola é fundamental para que se saiba conduzir o “aluno problema”, porém cada instituição deve rever a sua prática para que não apenas repasse o caso a outro profissional. Buscar alternativas de intervenção entre saúde e escola pode ser um caminho em busca de solução dos problemas. Faz-se necessário buscar a origem desses conflitos ao invés de somente tratá-los quando aparecem.

Professores desgostosos, frustrados, com baixos salários, desvalorizados, irão inevitavelmente refletir em seus alunos a sua insatisfação com a profissão. Por sua vez, alunos desmotivados, com baixa auto-estima, segregados e desprovidos de afeto, demonstram grande revolta em ter que permanecer horas quietos ouvindo o que não é de seu total interesse.

O fracasso escolar e as doenças mentais ultrapassam o conceito de dificuldade na aprendizagem. A problemática é muito mais ampla e abrangente. São inúmeros os fatores contribuintes para essa realidade e é urgente uma auto-avaliação dos serviços envolvidos nesse processo para que se possa repensar nossas crianças como indivíduos sujeitos de suas histórias. Parcerias entre escolas e saúde devem ser estabelecidas e então trabalharem em conjunto para a promoção da saúde mental e coletiva de todos envolvidos neste processo.

## 5.1 RELATO DE EXPERIÊNCIA

Durante uma prática docente com, na época, uma ainda 1ª série, recebi da direção da escola a difícil e delicada tarefa de alfabetizar, e junto já fui avisada que havia um menino na turma que eu nem precisava me importar, pois ele “não queria nada com nada”. Aquilo já me despertou um grande interesse, e antes mesmo de se iniciarem as aulas procurei conhecê-lo.

O ano letivo teve início, eu ficaria com a turma todo o primeiro semestre, e como já haviam me avisado o menino não conseguia acompanhar a turma em nada. A relação de todos com ele era bem complicada, era uma criança agressiva e costumava rejeitar qualquer tipo de ajuda. Passado algum tempo, a turma estava caminhando satisfatoriamente em seu processo de aprendizagem, mas ele não havia evoluído quase nada. Muito incomodada com o que estava acontecendo, me sentindo acomodada, pois já havia sido informada deste caso, e até então estava fazendo “vistas grossas”, fui atrás, procurei a família e pedi auxílio do serviço de orientação da escola. A família nunca apareceu na escola, assim serviço de orientação ficou um poço sem recursos. Foi aí que resolvi tomar uma atitude imediata, mudar o meu compartimento frente aquela criança, montem um kit de material escolar, que até então o que ele tinha era os restos dos irmãos mais velhos, e o presenteei dizendo-o que aquele material vinha para ajudá-lo a tornar-se um menino melhor ainda. Neste momento, seus olhos brilharam e tudo já começou a ser diferente.

Comecei a valorizar a mínima coisa que fazia, elogiá-lo, abraçá-lo, pedia-lhe ajuda em minhas tarefas e assim fomos estabelecendo um vínculo afetivo muito forte. O resultado disso tudo, foi um aluno alfabetizado em menos de dois meses e um reconhecimento geral da escola, podendo assim, deixar bem claro que com carinho e atenção podemos sim fazer a diferença.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este trabalho de pesquisa, poderíamos definir que a educação é tarefa determinante na formação do indivíduo, e a afetividade é o um fator importantíssimo na saúde mental deste. Através das relações de dois ou mais seres que as estruturas mentais irão se formar e assim determinar a personalidade de uma pessoa.

Quando a criança, em seus primeiros tempos de vida, encontra um ambiente acolhedor, baseado em amor e afeto, irá desenvolver-se de maneira tranqüila e satisfatória. Tanto a família como a escola, têm o compromisso de educar através do afeto, pois vivemos em uma sociedade onde o mais forte e o mais poderoso exerce domínio sobre os desprovidos de oportunidades. Precisamos mudar esta realidade oferecendo condições par que todo ser humano possa desenvolver-se plenamente e para que tenham as mesmas oportunidades.

Educar deve ser um ato de amor, pois juntamente com o fazer pedagógico, o professor deve ter a sensibilidade de oferecer meios pra seu aluno desenvolva sentimentos. Somos o resultado de uma estrutura biológica e as interações com o meio ambiente, fazem com que estejamos em constantes mutações.

Este documento veio trazer uma proposta de reflexão sobre a afetividade na educação, trazendo a princípio definições para o estudo e no decorrer da leitura o leitor pode encontrar debates e comentários sobre o que alguns autores trazem sobre o assunto. O trabalho foi ficando rico no momento em que cada tópico era finalizado com um relato, fazendo com que ficasse bem explícito o que estava se tratando no parágrafos anteriores, e confirmando que a prática educativa afetiva da autora só vem a contribuir com o desenvolvimento global de seus alunos.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. R. S. **A concepção walloniana de afetividade. Uma análise a partir das teorias das emoções e do desenvolvimento.** 1999, 167 fl. São Paulo: Tese (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação) – Programa de Pós- Graduação em Educação: Psicologia da educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999.
- DANTAS, H. **A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon.** In: LA TAILLE, Y. de et al. *Piaget, Vygotski, Wallon. Teorias psicogenéticas em discussão.* São Paulo: Summus, 1992.
- MUSSEN, Paul Henry; CONGER, John Janeway; KAGAN, Jerome. **Desenvolvimento e personalidade da criança.** São Paulo, 1977. Editora Harper e Row do Brasil LTDA 4ª Ed.
- BOWLBY, John. **Cuidados maternos e saúde mental.** São Paulo, 1995. Editora Martins Fontes 3ª Ed.
- VIGOTSKY, L. S. **O desenvolvimento psicológico na infância.** São Palo, 2003. Editora Martins fontes
- MORAIS, Maria de L. Salum e; SOUZA, Beatriz de Paula. **Saúde e educação: Muito prazer! Novos rumos no atendimento à queixa escolar.** São Paulo, 2000. Editora casa do Psicólogo.
- SCHETTINI, Luiz Filho. **Pedagogia da ternura.** Rio de janeiro, 2010. Editora vozes 2ª Ed.
- SOARES, Mari Gleide Maccari. **Violência? Privação de amor.** Porto Alegre, 2009. Editora Suliani Letra e Vida.
- MARCHAND, Max. **A afetividade do educador.** São Paulo, 1985. Editora Summus.
- OLIVEIRA, Vera de Barros. **Brincar com o outro: caminho de saúde e bem estar.**
- VIGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem.** São Paulo, 2000. Editora Martins Fontes.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo, 1996. Editora Paz Eterna.